

“QUE A CRÍTICA LITERÁRIA SE RECONHEÇA CADA VEZ MAIS POR AQUILO QUE ELA É NA ETIMOLOGIA: CRISE”

Com este primeiro artigo extraído do “Pequeno manifesto de uma crítica literária para os anos 2010”, escrito por Noemi Jaffe, abrimos a apresentação deste novo número de **Fronteiraz** dedicado às tendências da crítica literária na contemporaneidade.

São 15 ensaios centrados em diferentes enfoques críticos, desde aqueles que colocam em discussão o lugar da teoria nos espaços da crítica, como o de Fabio Durão, pesquisador e docente da UNICAMP, até aqueles posicionados em outros limiares como os da psicanálise, de autoria da psicanalista, pesquisadora e docente de Literatura da USP, Yudith Rosenbaum, da crítica literária feminista, ou ainda os da própria ficção, seja o da escritura de Clarice Lispector ou o das reverberações de duplos em Hilda Hilst, Álvares de Azevedo e Unamuno, seja ainda o da poesia de Ferreira Gullar e de Henriqueta Lisboa. Além disso, há um outro front, que não poderia faltar em **Fronteiraz 7**: aquele trazido pelos desafios das produções literárias contemporâneas questionadoras da narratividade, como acontece com o romance **Cidade de Deus**, de Paulo Lins, ou com **Informe sobre cegos**, do argentino Ernesto Sábato, além daquelas imersas no universo das tecnologias digitais, colocando em crise a autoria e a própria recepção crítica, como demonstra o artigo de Alckmar Luiz dos Santos, no qual inscreve sua experiência como criador e pesquisador de formas literárias em interfaces com as novas tecnologias.

Há ainda a destacar a instigante palestra de Manuel da Costa Pinto, crítico literário da Folha de São Paulo e da TV-Cultura, gravada durante a X Jornada Literária promovida pelo Curso de Especialização em Literatura em parceria com o Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUCSP. Nela, de forma lúcida e desafiadora, o crítico traça o percurso da atividade crítica em sua transformação histórica, destacando aquilo que está na sua raiz etimológica de “crise”, motivada, justamente, pela complexidade da produção literária, que passa a reivindicar uma “decifração”, ainda que provisória e aquém do enigma proposto.

A seção de Estudos, por sua vez, traz para os leitores de **Fronteiraz 7** as linhas mestras do pensamento do filósofo contemporâneo Giorgio Agamben e suas contribuições para a reflexão sobre os vínculos entre filosofia-poética-política e crítica, por meio da exposição de uma das grandes estudiosas de sua obra no Brasil, a Prof. a. Dra. Sabrina Seldmayer, da UFMG. Aí se amplifica o caráter de crise da atividade crítica, já que, para Agamben, cabe a ela não a decifração, mas a garantia da inacessibilidade do objeto, assegurando, assim, a sua liberdade.

Para finalizar, algumas palavras sobre as duas resenhas deste número, ambas dedicadas à atividade da crítica literária: a primeira, assinada por Jaime Ginzburg, Prof. Livre-docente da USP e pesquisador do CNPq, terá por objeto o livro **Nações Literárias** de Wander de Melo Miranda. Desse livro, essencial como reflexão sobre o papel da crítica literária no contexto brasileiro contemporâneo, o resenhista destaca o posicionamento singular do autor:

De que lugar falar? A cada vez que se escreve um livro de crítica, a questão se repõe. O lugar escolhido por Wander Melo Miranda permite observar o passado como catástrofe, como acúmulo de ruínas. O que ele viu, elaborou e apresentou no livro é matéria prioritária para debate intelectual no Brasil. Ele percebeu o que há de destrutivo e fantasmagórico em nossa tradição canônica.

A outra resenha, por seu lado, com um instigante título como “O coração das pirâmides eternas como inferno barroco da potência”, tem por objeto um dos livros-chaves do filósofo italiano Giorgio Agamben, **Bartleby, escrita da potência**, no qual se desenvolve um dos conceitos estruturadores de seu pensamento - o de *potência* - como estado puro de passagem e suspensão, sem necessidade de se transformar em ato, tal qual o “preferiria não” do copista do romance de Herman Melville. Nesta força avassaladora de uma aparente inoperância, está a semente deste limiar que Agamben percebe entre filosofia, poesia, crítica e política, de modo a fazer brotar a ética do coração da estética. Nada melhor, para encerrar esta *Apresentação*, do que as palavras do filósofo italiano que servem de pórtico para esta resenha:

Aquilo que se mostra no limiar entre ser e não ser, entre sensível e inteligível, entre palavra e coisa, não é o abismo incolor do nada, mas o raio luminoso do possível.

Maria Rosa Duarte de Oliveira
Editora de **Fronteiras 7**